

As lojas que desaparecem quando cresce uma cidade

Os negócios familiares que ainda contam a história dos lugares

Há uma relojoaria em Alfama onde o tempo, ironicamente, parou. As vitrinas têm pó a mais e luz a menos, os relógios expostos marcam horas diferentes entre si, e o homem que os repara há quarenta e três anos usa uma lupa que já não se fabrica. Chama-se Fernando. Aprendeu o ofício com o pai, que por sua vez o aprendeu com um relojoeiro suíço que passou por Lisboa nos anos cinquenta e nunca mais partiu. Quando Fernando fechar a loja, e vai fechar, porque já ninguém quer aprender a substituir uma mola de corda, desaparece com ele um pedaço concreto da cidade que nenhuma câmara municipal vai conseguir substituir por uma placa comemorativa.

Isto repete-se em quase todas as ruas antigas de quase todas as cidades europeias, mas em Lisboa sente-se com particular urgência. Uma mercearia que vende bacalhau ao

peso e conservas com rótulos desenhados nos anos sessenta cede o espaço a uma loja de malas de viagem. Um alfarrabista onde era possível encontrar uma primeira edição esquecida entre livros de escola antigos transforma-se em mais um alojamento local com decoração idêntica à do alojamento local do lado. Uma chapelaria que vestiu três gerações da mesma família torna-se uma gelataria com nome em inglês.

Nenhuma destas mudanças é, isoladamente, um crime. O problema é a soma. Uma cidade não perde a identidade com o fecho de uma loja. Perde-a com o fecho de cem, uma a uma, silenciosamente, sem funeral e quase sempre sem ninguém dar por isso até já ser tarde para reagir. O que fica no lugar destes negócios costuma ser tecnicamente mais eficiente e visualmente mais fotogénico, mas quase nunca conta uma história. E uma cidade sem lojas que contam histórias é uma cidade que se tornou cenário.

Em Alfama, ainda restam sinais de resistência. Há uma

casa de ferragens onde se compram parafusos à unidade, contados um por um pela mesma mão há trinta anos, e onde o proprietário sabe, sem perguntar, se aquele parafuso específico serve para uma fechadura antiga ou para uma persiana moderna. Há uma padaria de bairro onde o pão ainda é vendido ao peso e não à unidade decorativa, e onde os clientes se tratam pelo nome próprio como se fossem família, porque em muitos aspectos são. Estas lojas não sobrevivem por acaso. Sobrevivem porque alguém, todos os dias, decide continuar a abrir a porta mesmo sabendo que seria mais fácil vender o espaço a peso de renda turística.

O memmo Alfama tem esta paisagem literalmente à porta. Basta descer as escadas estreitas que ligam o hotel ao coração do bairro para cruzar duas ou três destas lojas ainda vivas, nem sempre fáceis de encontrar, porque não têm publicidade nem presença em aplicações de viagem, apenas uma persiana meio aberta e um letreiro pintado à mão que já perdeu parte da tinta. Quem se dá ao trabalho de entrar sai quase sempre com qualquer coisa que não

precisava, e com uma conversa de que se vai lembrar durante mais tempo do que de qualquer monumento visitado nesse dia.

Perguntar a um lisboeta mais velho onde comprava o pão em criança, ou onde o pai levava os sapatos a arranjar, é normalmente uma forma segura de encontrar uma destas lojas, se ainda existir. Muitas vezes já não existe, e a resposta vem acompanhada de um pequeno silêncio, quase um luto discreto por um espaço que se transformou noutra coisa qualquer.

Visitar uma cidade não devia significar apenas fotografar as suas fachadas mais bonitas. Devia significar também entrar nas lojas que ainda resistem, comprar algo que se precisa ou não, e perguntar ao dono há quanto tempo ali está. A resposta, quase sempre, é uma pequena aula de história que nenhum guia turístico consegue oferecer. E, quem sabe, um pequeno incentivo para que essa porta continue aberta mais um pouco.

Gonçalo Câmara
Colunista memmo Journal